

DIÁLOGO INTERTRANSCULTURAL¹

Paulo Roberto Padilha²

Resumo

Este artigo discute a importância do diálogo intertranscultural para a construção de uma educação cidadã emancipatória. Para tanto, aprofunda a reflexão sobre o significado de currículo intertranscultural e sua relação com a educação intercultural. Sugere, ainda, a superação da histórica dicotomia entre monoculturalismo e multiculturalismo e mostra a necessidade do aprofundamento do debate sobre a mesma. Por outro lado, mostra que os contextos culturais geram, por suas vez, meta-contextos, que são resultado dos enfrentamentos, dos conflitos e das aproximações pessoais, interpessoais e grupais. Resgata a proposta freiriana dos “círculos de cultura” enquanto recriação comunicativa e espaço privilegiado para o enfrentamento dos desafios e dos paradoxos surgidos no processo educacional dialógico e mostra que o currículo intertranscultural se constitui justamente no reconhecimento dos valores coincidentes, das diferenças, das particularidades e das universalidades existentes nas diferentes culturas.

Palavras-chave: diálogo, interculturalidade, currículo intertranscultural, círculos de cultura, monoculturalismo, multiculturalismo.

O diálogo é “o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, humanizam para a humanização de todos” (Freire, 1982:43). Não há relação pedagógica sem diálogo amoroso e conflitivo, da mesma forma que não há relação amorosa que resista à falta do diálogo e à ausência do conflito. Nesse sentido, ao pensarmos na possibilidade de um diálogo intertranscultural, estaremos ampliando as nossas reflexões sobre o que recentemente denominamos de “currículo intertranscultural” (Padilha, 2004).

O currículo intertranscultural nasce na educação intercultural, o que, por sua vez, pode se constituir numa diretriz essencial para considerarmos e orientarmos a discussão do currículo a partir da diferença cultural e dos seus desdobramentos pedagógicos, filosóficos, antropológicos, sociológicos, psicológicos, lingüísticos, políticos, econômicos etc. Ele nasce das possibilidades evidenciadas por Paulo Freire, que nos incentiva a pensar numa escola curiosa – que valoriza a “subjatividade curiosa; prazerosa – porque nos faz sentir “inteligentes, interferidores” e aprendentes – porque relacionais e seres da mudança.

Pensar no currículo intertranscultural significa tomar todos os cuidados para não correremos o risco de propor um currículo único, modelar. Isso porque ele se constrói na direção de um

¹ Artigo organizado para os “círculos de discussão temática” do IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire: *Caminhando para uma Cidadania Multicultural* – de 19 a 22 de setembro de 2004, Porto – Portugal.

² Mestre e doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Diretor Pedagógico do Instituto Paulo Freire e professor licenciado da Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO) – São Paulo – Brasil. É autor dos livros *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo, Cortez : Instituto Paulo Freire, 2001 (4 ed., 2004) e *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. Cortez : Instituto Paulo Freire, 2004.

processo aberto, reflexivo, ético, **dialógico**, valorativo, criativo, ousado e complexo. Nessa perspectiva, teremos diante de nós, mais do que certezas curriculares, o necessário aprofundamento investigativo sobre os meandros do processo de ensino e de aprendizagem. Incluem-se aí todas as dimensões da organização do trabalho da escola e das demais instituições educacionais que estarão sendo objeto de uma reflexão permanente, em diferentes espaços intertransculturais. Para tanto, realizaremos aproximações e encontros identitários, nestes contextos e nestes “entre-lugares” (Bhabha) com base nos quais a escola poderá distinguir e construir este o seu currículo.

Observamos que o caráter principal da transculturalidade, segundo definição de Duccio Demetrio (1997), faz referência a **elementos culturais comuns**, aos chamados **traços universais** entre as culturas. Desta forma, “é transcultural tudo aquilo – das idéias aos sentimentos, às emoções, às formas da criatividade – que nos pertence como espécie humana”. (ib.:40). Independentemente das suas origens e proveniências, as pessoas sonham, sofrem, alegram-se, desejam... Esta seria, segundo Demétrio, uma dimensão universal que caracterizaria as pessoas.

O transcultural é uma forma de comunicação que ultrapassa, que vai além daquela possível no âmbito das relações que se estabelecem no nível do multiculturalismo e da interculturalidade. Por outro lado, Basarab Nicolescu (1999) vê na linguagem transcultural um dos principais aspectos para se alcançar o que ele considera uma pesquisa transdisciplinar, justamente por permitir o **diálogo entre todas as culturas** e, por outro lado, por impedir a sua homogeneização.

A dimensão “*transcultural*” permite que os diferentes níveis e as várias formas de diálogo recorram, quando necessário, às suas multidimensionalidades simbólicas, com o qual são capazes de se comunicar – seja diante das novas situações e consigo mesmo, seja com os diferentes sujeitos e grupos participantes das experiências vivenciadas. Ou, ainda, diante das dificuldades e dos conflitos, nem todos resolvidos, mas de qualquer maneira enfrentados e evidenciados na relação.

Todo este movimento é extremamente pedagógico. Ao procurar reconhecer os valores coincidentes, as diferenças, as particularidades e as universalidades existentes nas diferentes culturas – mesmo que sejam significativamente parciais – o processo de educação cultural e de relação intertranscultural está consumado, mesmo temporariamente, porque em si, ele é sempre processual e depende da intencionalidade dos sujeitos. Assim, não há sujeito intertranscultural que não queira sê-lo, porque só o é quem **intencionalmente** e, profundamente, aceita o desafio da relação. O sujeito intertranscultural é, portanto, um sujeito educado, porque só pode ser considerado educado quem consegue ultrapassar a sua “primeira cultura” (Serres, 1993). Nesse movimento, diríamos que a ciência encontra a cultura, e esta àquela, quando elas também produzem, no sujeito que sente e que conhece, o prazer, a alegria, a satisfação no encontro, na descoberta instituinte, nas suas energias criativas e criadoras, superadoras dos preconceitos, das desigualdades, da exclusão.

Se assumirmos a possibilidade do **diálogo intertranscultural** – através e para além das fronteiras – evitaremos que as lógicas bipolares considerem que apenas esta ou aquela ciência ou concepção de ciência, de visão de mundo ou qualquer manifestação cultural,

mítica ou religiosa, possa se considerar matriz de todos os processos de conhecimento e saberes humanos.

Bibliografia

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- DEMETRIO, Duccio. **Agenda Interculturale**, Maltemi: Roma, 1997, p. 40.
- contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 55-77.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- NICOLESCU, Barasab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo, TRIOM, 1999.
- PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação**. São Paulo, Cortez/IPF, 2004.
- SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça: le tiers-instruit**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.